

Estágio em educação musical para mulheres: reflexões sobre democracia e inclusão

Comunicação

GTE 15 – Gênero e Sexualidade na Educação Musical

Hugo Souza Araujo
Universidade Estadual de Maringá
hugosouzaraujo@gmail.com

Fernanda Gomes de Souza
Universidade Estadual de Maringá
fernandagomesouz@gmail.com

Aline Clissiane Ferreira da Silva
Universidade Estadual de Maringá
alineclissianesilva@gmail.com

Resumo: Este texto é um relato de experiência e análise desdobrados da disciplina “Estágio Supervisionado III”, do curso de Licenciatura Plena em Educação Musical da Universidade Estadual de Maringá. O projeto consistiu na oferta de aulas coletivas de violão para funcionárias de uma escola municipal, e contou com professoras, equipe pedagógica e operacional. Esta reflexão explicita o interesse das participantes e as limitações enfrentadas por elas para aprender um instrumento musical, considerando as múltiplas jornadas, responsabilidades familiares, ausência de tempo e a sobrecarga cotidiana. O projeto foi orientado por pressupostos do feminismo, especialmente o feminismo matricêntrico, com base em autoras como Joyce Magalhães e Andrea O’Reilly. O diálogo com as participantes permitiu a criação de estratégias pedagógicas mais inclusivas, como a elaboração de um espaço *kids*. Os resultados revelaram o impacto positivo do aprendizado da música na autoestima, bem-estar, autonomia e fortalecimento de vínculos entre as mulheres, e possibilita explicitar as barreiras sociais e culturais que dificultam o acesso à formação artística por parte de mães. Episódios vivenciados durante o estágio suscitaram reflexões sobre gênero, maternidade, trabalho e educação, e reforçaram a importância de práticas educativas acolhedoras, humanizadas e sensíveis às especificidades das alunas. Conclui-se que o estágio pôde ser compreendido enquanto um espaço de transformação pessoal e conscientização social, evidenciando o papel fundamental do educador musical na construção de ambientes mais democráticos, afetivos e inclusivos.

Palavras-chave: Educação Musical. Feminismo matricêntrico. Estágio curricular supervisionado.

Contextualização

O primeiro autor do trabalho é estudante do 4º e último ano da graduação de Licenciatura Plena em Educação Musical da Universidade Estadual de Maringá (PR). Esse relato de experiência e análise nascem da vivência que teve durante a realização da disciplina “Estágio Supervisionado III”, do curso de graduação.

A motivação para a elaboração desse projeto de estágio ocorreu quando o primeiro autor ainda estava em seu segundo ano da graduação e recebeu uma oportunidade de estágio remunerado do município de Maringá, em parceria com a Universidade. O objetivo do estágio era que estudantes da graduação pudessem ter uma experiência com as escolas municipais, e que pudessem desenvolver e auxiliar professoras da rede, especialmente as que não possuem formação musical. Sendo, muitas vezes, pedagogas ou artistas visuais, que atuam nas aulas de artes, ou no contraturno de oficinas de música para crianças do período integral. Durante esse período de estágio remunerado, o primeiro autor criou um laço significativo com colegas de trabalho, professoras, equipe operacional, diretiva e pedagógica. Sempre havia muitas conversas sobre música, gosto musical e, principalmente, sobre a vontade de aprender a tocar um instrumento, seja ele o violão, piano, teclado ou bateria, para citar os mais comentados. Sendo observado que muitas destas mulheres acabavam desistindo e abdicando dessa vontade de aprender música e priorizavam outras coisas.

É importante salientar que na escola na qual o primeiro autor atuou, ele era a única pessoa que se reconhecia com o gênero masculino. Portanto, todas as colegas, com quem ele teve essas trocas, eram mulheres. Pode parecer um tanto ilógico e irrelevante destacar este fato, porém, ele é a causa de um projeto de estágio obrigatório que desemboca neste presente relato de experiência.

Isso posto, referente ao projeto de estágio obrigatório, o cerne do projeto partiu das próprias futuras alunas. A partir dessas trocas e conversas supracitadas, algumas colegas se ofereceram para fazerem aulas de violão com o primeiro autor¹, que poderiam tanto ceder o espaço da escola quanto os instrumentos disponíveis na instituição. Particularmente, a ideia era incrível. Eu estava próximo do semestre que na universidade iniciaria a disciplina de Estágio Supervisionado III, e pensei: por que não casar as duas propostas? Ter escolhido isso

¹ A partir desse momento, parte do texto assumirá o uso da primeira pessoa do singular, referindo-se ao primeiro autor do trabalho.

foi excepcional, muito por conta das orientações da professora Aline Clissiane Ferreira da Silva, orientadora que desencadeou um olhar mais atento e feminista aos possíveis motivos dessas alunas não terem, inicialmente, conseguido seguir suas vontades em se desenvolver musicalmente.

Enquanto homem, pode parecer um tanto desconfortável falar, debater e discutir sobre o feminismo. Mas a desigualdade de gênero diz sobre relações históricas e complexas entre homens e mulheres, mulheres e mulheres, homens e homens, pessoas transgêneras, intersexuais, e demais outras identidades de gênero. Salvaguardando as especificidades de cada vivência, enquanto homem, cabe, então, pleitear este assunto, o faço aos moldes do “lugar de fala” (Ribeiro, 2017).

Nas orientações, a professora Aline da Silva me apresentou um recorte do programa “Sem Censura” do canal TV Brasil, um debate sobre racismo e feminismo racial com Djamila Ribeiro (professora, filósofa brasileira, escritora, colunista, vencedora do prêmio Prince Claus e está dentre as 100 mulheres mais influentes do mundo segundo a BBC). Ribeiro ressaltou que o “lugar de fala não é o que se fala, é de onde se fala. [...] Então, você (aqui em conversa com a apresentadora do programa, Cissa Guimarães) fala do seu lugar, mas isso não significa que você não pode debater sobre a questão racial”, então, “se há um grupo sendo discriminado, há um grupo que discrimina. É importante que um grupo que historicamente se beneficiou da opressão, compreenda o que significa isso e entenda que seus privilégios foram construídos, não são naturais.” Portanto, aqui percebesse a relevância de homens também tratarem do feminismo, de questões de gênero. Estas ideias estão mais profundamente trabalhadas no conhecido livro de Ribeiro: “O que é lugar de fala?”.

Para além das contribuições feitas pela orientadora, retomei conversas com Fernanda Gomes de Souza, uma colega da graduação sobre essa temática. Fernanda atualmente cursa licenciatura em educação musical, se formou recentemente em composição e apresentou no seu trabalho de conclusão de curso, as problemáticas de gênero que encontrou no decorrer de sua formação (Souza, 2024). Nesse trabalho sua contribuição está principalmente na revisão de literatura, conteúdo que ela trouxe também para as nossas conversas na ocasião em que eu relatava sobre minhas vivências do estágio.

É importante afirmar que este trabalho fala sobre feminismo, em termos gerais, e criticamente mostra certa lacuna no referente às mulheres mães. Sobre isto, Joyce Magalhães (2025, p. 213) diz: “se considerarmos que, apesar dos 40 anos de feminismo, as mães seguem mais desempoderadas do que as demais mulheres e que a maternidade é assunto central na vida das mães, entenderemos a necessidade de um feminismo próprio para mães.” É desde pressuposto que surge o feminismo matricêntrico: vertente utilizada neste relato de experiência e análise, tomada contextualmente para decodificar as dificuldades observadas a partir das trocas com as mães-estudantes que enfrentaram o estágio no qual atuei.

As trocas com a orientadora e amiga, moldaram a forma como me propus a agir no estágio. Nisto emergiu a ideia de um projeto musical voltado especificamente para esse público de mulheres, de modo a promover a iniciação no violão através de aulas coletivas. E nisto, buscar contribuir para o bem-estar, a autoestima e estimular a autoconfiança, além do fortalecimento dos vínculos entre as profissionais da instituição.

A partir desta contextualização, o presente relato se constituirá da seguinte forma: o autor Hugo Souza Araujo, relator da experiência especificada neste trabalho, trará sua visão acerca do tema e do que foi vivenciado como estagiário do projeto, a autora Fernanda Gomes de Souza, responsável pelo referencial teórico, trará junto a apoio bibliográficos, contextualizações e aprofundamentos reflexivos, especialmente sobre as dificuldades que mães-estudantes frequentemente encaram, ambos foram orientados pela professora Aline Clissiane Ferreira da Silva, que além de propor esta união, foi essencial no processo de sensibilização do autor em relação ao tema, instigando a reflexão inicial que culminou neste trabalho.

Para elucidar isto, este texto traz: a proposta pedagógica do estágio obrigatório supervisionado, mostrando como ele se desdobrou ao longo das aulas, e, posterior a isso, virá a parte mais expressiva do trabalho, na qual iremos descrever cenas que ocorreram durante o projeto e que possibilitaram reflexões mais amplas. Por fim, as considerações apontam preocupações e sugestões ligadas ao ambiente de ensino, que podem ser bastantes úteis ao ensino musical atual.

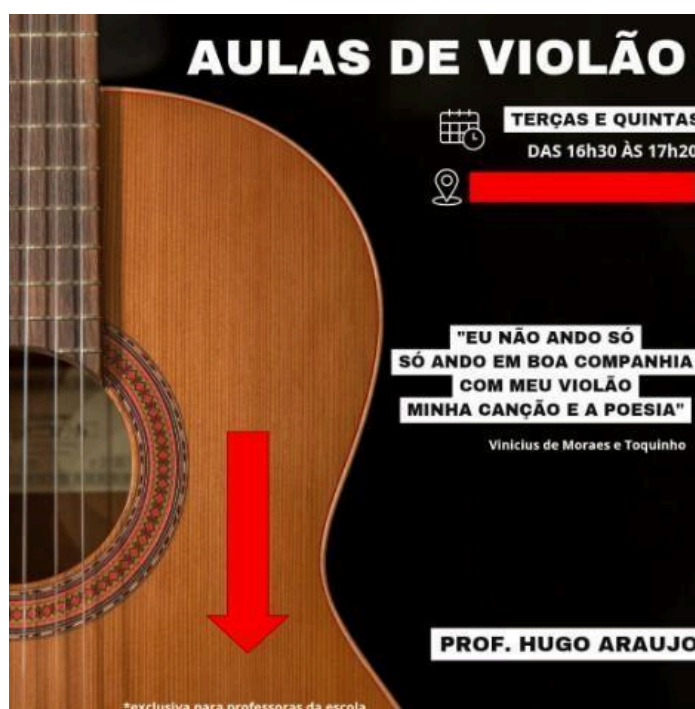
Apresentando a proposta pedagógica

Preliminarmente, o projeto foi concebido com o objetivo de oferecer aulas de violão às professoras da instituição, considerando seu potencial pedagógico para ser incorporado às práticas em sala de aula. A definição do horário das aulas levou em conta a necessidade de contemplar o maior número possível de interessadas - especialmente diante da rotina intensa e exaustiva que caracteriza o cotidiano docente. Dessa forma, optou-se por ofertar aulas breves, alocadas estrategicamente ao final do expediente escolar, que se encerra às 16h30.

Contudo, embora essa escolha tenha favorecido a maioria das possíveis participantes, revelou-se, por outro lado, prejudicial à equipe pedagógica da escola. Isso porque parte desse grupo permanecia responsável por acompanhar as crianças enquanto seus responsáveis ainda não haviam comparecido para buscá-las. Isto inviabilizou, inicialmente, a participação da equipe pedagógica nas aulas no referido horário.

Foi feito um *folder* para divulgação do projeto, nisto também se averiguou qual era o interesse das professoras pelas aulas.

Figura 1: Folder digital de divulgação das aulas.²



Fonte: Autoria própria.

² A seta vermelha foi adicionada para melhor exemplificação do ocorrido, não estava presente no momento da divulgação.

Após a divulgação, muitas professoras demonstraram interesse. E em um dia, na sala dos professores, uma mulher da equipe operacional, responsável pela limpeza do ambiente escolar, enquanto varria a sala, me perguntou: “Bom dia, prof! A aula de violão vai custar quanto? Eu queria muito aprender”. Lembrei, então, que no *folder* havia uma frase em letras minúsculas que explicitava a especificidade do projeto: “exclusivo para professoras da escola”. Provavelmente, esta funcionária não havia lido isto. Porém, optei por me comprometer com a democratização do ensino musical. Então, respondi que as aulas seriam gratuitas e que seria muito legal se ela participasse.

Após esse acontecimento, decidimos, abrir o projeto para todas as funcionárias da escola. Um *link* para realizar a inscrição foi enviado, e as alunas inscritas eram as seguintes³:

Quadro 1: Alunas inscritas.

NOME	FUNÇÃO EXERCIDA NA ESCOLA
Luma	Secretária
Luana Moscatto Orsini	Professora de inglês
Lara Costa	Professora da sala de recursos
Marlene	Professora regente do 2ºano
Nika	Professora da oficina de música
Lou Salomé	Equipe operacional

Fonte: Autoria própria.

Emergiu, então, indícios e indagações a respeito do fato dessas mulheres terem de abdicar de suas vontades de estudar música e se dedicar à outras prioridades. A dupla ou até tripla jornada de trabalho foi observada na realidade delas. Evidenciando o quanto isto afeta no prazer de se ter um hobby, ou de estudar e aprender a música em termos mais formais.

No desenvolvimento do projeto, constatou-se que todas as participantes eram mães. Algumas delas, de crianças com até sete anos de idade, estas, matriculadas na mesma instituição. Enquanto as demais mães possuíam filhos mais novos que frequentavam outras unidades escolares. Diante dessa realidade, tornou-se imprescindível que as aulas de violão fossem planejadas de forma a não comprometer significativamente a rotina dessas mulheres, já sobrecarregadas por múltiplas funções.

A proposta, portanto, buscou garantir que o processo de aprendizagem

³ Estes são nomes fictícios tomados para manter o anonimato e condição ética em relação aos dados e às alunas.

permanecesse acessível, leve e prazeroso, respeitando os limites impostos às referidas mães, especialmente em função de suas responsabilidades familiares e profissionais.

Essa preocupação mostrou-se ainda mais pertinente ao se compreender que muitas das alunas já haviam, em momentos anteriores, interrompido tentativas de aprendizagem de instrumentos musicais, justamente em razão das dificuldades cotidianas.

No decorrer dos dias, ao chegar na escola às 12h40, era perceptível a agitação das alunas, e seus entusiasmos com as aulas. Durante o horário de almoço dos funcionários - que coincidia com o momento de descanso das crianças do período integral - era possível ouvir o som dos violões tocados por Luma e Lou Salomé.

As alunas aproveitavam esse pequeno intervalo para almoçar e, ao mesmo tempo, estudar, pois fora do horário escolar enfrentavam diversas outras responsabilidades. Em casa, precisavam cuidar dos filhos, do lar e, no caso da aluna Luana, ainda se dedicava a outras atividades, como a confecção de ornamentos e acessórios para noivas, isto contribuía para sua renda familiar, mas também exigia tempo e energia. Lou Salomé, além de seu trabalho na escola, cursa uma graduação em Filosofia, na modalidade EaD, o que demanda organização e dedicação extras.

Estes contextos ressaltam “a necessidade urgente de debater a sobrecarga do trabalho doméstico e de cuidado que recai sobre as mulheres, muitas vezes impedindo-as de ter acesso, permanência e progresso nos estudos e em suas carreiras” (Magalhães, 2025, p. 221).

De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Opinion Box, entre 14 e 24 de fevereiro de 2025: “93% das mulheres contribuem financeiramente para o sustento do lar, sendo que, em 33% das famílias, elas são as únicas responsáveis pela geração de renda”.⁴ Além disso, as mulheres enfrentam a dupla jornada de trabalho não remunerada, que é cuidar de todos os afazeres domésticos e, muitas vezes, a criação dos filhos; o que gera culpa e recorrentes desistências de sonhos e projetos. “A culpa materna, reforçada por construções sociais, sobrecarrega as mulheres, impondo-lhes expectativas irreais sobre a conciliação entre maternidade e carreira” (Magalhães, 2025, p. 209).

Para facilitar a comunicação e o acompanhamento das aulas, criamos um grupo em

⁴ Disponível em: <https://www.serasa.com.br/imprensa/quanto-menor-a-renda-familiar-mais-a-mulher-assume-sozinha-a-responsabilidade-pelas-financas-do-lar-revela-pesquisa-da-serasa/>. Acesso em: 17 jul. 2025.

um aplicativo de mensagens. Esse recurso se mostrou extremamente valioso: por meio dele, recebi dúvidas sobre o conteúdo, vídeos das alunas praticando em casa, combinamos reposições de aula, comunicamos ausências e trocamos repertórios de forma colaborativa.

Além da interação coletiva, uma das alunas também me procurou de forma privada pelo aplicativo, expressando sentimentos de desmotivação. Relatou que, ao se comparar com as colegas, sentia-se em desvantagem e considerava desistir. Essa angústia já vinha sendo tratada em sessões com sua terapeuta, o que demonstra o quanto o desejo de aprender era profundo. Ela compartilhou que, em outra fase da vida, já havia abandonado aulas de violão e que, desta vez, não queria repetir essa decisão.

“Atualmente, mais da metade das matrículas do ensino superior no Brasil é composto por estudantes do gênero feminino (Brasil, 2019). Contudo, no início dos anos 1970 as mulheres ocupavam menos da metade das matrículas nesse nível de ensino” (Silva; Agapito, 2021, p. 126). O censo da Educação Superior de 2023, edição mais recente encontrada, também revela que as mulheres dominam a maioria das matrículas em faculdades⁵. Mas apesar da forte presença feminina, estas ainda sofrem uma sobrecarga por terem multifunções na sociedade, o que acarreta em angústias e ansiedades: dados também observados diante das alunas de violão do estágio.

Joyce Magalhães afirma:

A sociedade exige que as mães executem suas obrigações maternas com excelência, sejam profissionais bem-sucedidas, cuidem dos afazeres domésticos sem descuidar do casamento e da aparência física. Como consequência disso, vemos mulheres exaustas, ansiosas e culpadas por não atenderem às insanas exigências do patriarcado (Magalhães, 2025, p. 210).

Embora o tema ainda não seja recorrente, há uma relação bastante estreita entre os dados observados nos estágios e a bibliografia sobre gênero, o que evidencia a importância da temática à educação musical.

Episódios que me impactaram

⁵ Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2025/marco/mulheres-representam-59-das-matriculas-na-educacao-superior#:~:text=Mulheres%20representam%2059%25%20das%20matr%C3%ADculas%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20superior%20%E2%80%94%20Minist%C3%A9rio%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 17 jul. 2025.

Muitas foram as cenas que me impactaram e geraram uma reflexão feminista acerca dos fatos, e iremos descrever e fundamentar três dos incontáveis episódios que contribuíram significativamente para submissão deste trabalho.

Episódio 1 - Primeira desistência

Durante o desenvolvimento do projeto, infelizmente foram registradas algumas desistências por parte das alunas. A primeira delas ocorreu com a participante Nika, que havia sinalizado sobre a possibilidade de precisar se ausentar antes do término das atividades, isto para buscar seu filho em outra instituição de ensino. Inicialmente, essa responsabilidade seria assumida pelo pai da criança. No entanto, em razão de questões pessoais, a aluna optou por assumir, ela mesma, essa função.

Esse episódio evidencia uma realidade recorrente: diante das dificuldades de conciliação entre os compromissos pessoais e os cuidados com os filhos, a figura materna acaba, majoritariamente, por abdicar de seus interesses e desejos para atender às necessidades da criança. Observa-se que, em muitos casos, os pais não se colocam à disposição para compartilhar essas responsabilidades: seja pela ausência de consciência sobre a complexidade da rotina materna, seja por não reconhecerem os direitos e igualdade em relação às mulheres, especialmente no exercício de atividades de cuidador/cuidadora. Soma-se a isso o fato de que, frequentemente, as próprias mães, movidas por receios relacionados à possível "incompetência" do parceiro ou por padrões culturais internalizados, acabam por não delegar tais tarefas, perpetuando assim a sobrecarga materna.

Em artigo publicado pela Revista do Departamento de Psicologia – UFF, a autora Leila Sanches de Almeida apresenta entrevistas sobre maternagem e cuidados. Focamo-nos aqui em relatos de mães que acreditam que os pais não têm capacidade de criar, conjuntamente, seus filhos:

É interessante que todas falaram que o pai não participa muito dos cuidados com o bebê, contudo, duas mães disseram que são elas que fazem questão de estabelecer, controlar e sempre que possível assumir sozinha as atividades da rotina com o bebê, pois elas (as mães) é que sabem o que é melhor para a criança. Uma, inclusive, disse que só ela sabe cuidar adequadamente [...] “ele é totalmente despreparado, porque foi a primeira criança que ele começou a cuidar, né?” (Almeida, 2007, p. 416).

A crença da incapacidade do pai em cuidar de seus filhos é algo que foi socialmente construído pela sociedade ao longo dos anos, “até as décadas de 1960 e 1970, estudos sobre o desenvolvimento praticamente excluía o pai, responsabilizando a mãe pelo sucesso ou fracasso do desenvolvimento dos filhos” (Rodrigues; Trindade, 1999 *apud* Crepaldi et al., 2006, p. 580). Esta internalização e naturalização reforçam, portanto, a sobrecarga em relação às mulheres mães, fazendo com que desistam de seus desejos pessoais e se dediquem aos filhos. Há também uma grande parcela de mães solas. “Pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas, mostra que o Brasil tem mais de 11 milhões de mães que criam os filhos sozinhas”⁶. Estas mães abandonam muitas oportunidades de uma vida melhor “por falta de suporte familiar, rede de apoio e pela ausência de políticas públicas que viabilizem que mães tenham a possibilidade de estudar, ter uma carreira e conquistar independência através dela” (Magalhães, 2025, p. 208).

Episódio 2 - Mãe tocando violão com a filha no colo e a elaboração do espaço *kids*:

Durante uma das aulas, a família da aluna Luma chegou à escola. Luma é mãe de duas crianças, sendo a mais velha matriculada na própria instituição e a mais nova tem menos de dois anos. Ao adentrar o espaço escolar, a coordenadora da unidade, em uma tentativa de interação, aproximou-se da pequena para brincar, o que acabou assustando a criança, que imediatamente começou a chorar. Diante da situação, o pai conduziu a filha até a mãe, que participava da aula de violão naquele momento: evidenciando este o ciclo da responsabilização do cuidado.

Aguardei alguns instantes até que a criança se acalmasse, momento em que a aluna, com sensibilidade e perseverança, colocou a filha em seu colo e retomou sua prática instrumental. Poucos minutos depois, Luma questionou se a aula estava próxima do encerramento, pois precisaria se retirar com as crianças que a aguardavam. Informei que já estávamos finalizando e a aluna se despediu.

Atento às necessidades das participantes e ciente de que deve ser trabalho do professor construir um espaço fértil para a aprendizagem, organizei um espaço *kids* para as

⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2023/05/12/brasil-tem-mais-de-11-milhoes-de-maes-que-criam-os-filhos-sozinhas.ghtml>. Acesso em: 14 jul. 2025.

aulas seguintes. Esse espaço consistia em um tapete de EVA, algumas almofadas para trazer aconchego e alguns livros para direcionar a atenção. Todo o material cedido pela própria instituição.

A implementação desse espaço se mostrou extremamente positiva tanto para as alunas, que passaram a ter maior tranquilidade ao poder observar suas filhas durante a aula, quanto para as próprias crianças, que utilizaram o momento para socialização e desenvolvimento de vínculos afetivos. Em algumas ocasiões, ocorreu a organização de pequenas partilhas de alimentos e brinquedos, havendo, por exemplo, um piquenique. Isto demonstra certo pertencimento, inclusão e diálogo que ao sugerirem melhorias no espaço, como o pedido de almofadas no ambiente.

É muito comum repararmos nas hostilidades presentes em diversos ambientes em relação às mães, como por exemplo, em ambientes acadêmicos onde os banheiros não apresentam trocadores para bebês, nem mesmo nos banheiros femininos.

Estas faltas estruturais, principalmente em ambientes educacionais, refletem diretamente o apagamento destas mães nestes ambientes, pois a maternidade se torna “um argumento para a exclusão de mulheres mães em espaços públicos [...] visto que ela não outorga às mulheres a condição de sujeito, mas as diferencia entre si”, mostrando também que muitos espaços educacionais são reflexos de uma sociedade que não está preparada para lidar “com as necessidades singulares de cada indivíduo”, principalmente mães-estudantes (Magalhães, 2025, p. 220).

Muitas vezes, é pela falta de apoio que estas mães desistem de seus estudos, e é neste momento que espaços educacionais precisam se mostrar democráticos e atentos às políticas maternas. Uma forma de avançar é justamente a criação destes espaços familiares, como, por exemplo, o espaço *kids*, alternativa criada nesse estágio. Nisto, Magalhães (2025) ressalta:

Na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), onde atuo como docente, recentemente foi inaugurada uma brinquedoteca no campus I que, embora ainda não esteja funcionando efetivamente, sinaliza como um ponto de partida para o atendimento a uma demanda das estudantes-mães (Magalhães, 2025, p. 221).

Mais uma vez, demandas práticas e teóricas evidenciam a importância da temática, subsequentemente, de aprofundamentos reflexivos e melhorias das vivências, especialmente músico-educacionais.

Episódio 3 - Preciso voltar a trabalhar, e a roupa está no varal

A terceira situação escolhida foi o que ocorreu com a aluna Lou Salomé. Já estávamos em sala de aula, e esta aluna chegou atrasada, pois ela era da equipe operacional, e mesmo que as professoras já tivessem terminado seu trabalho, ela ainda tinha afazeres.

Neste dia específico, a aluna entrou na sala de aula, pegou o violão e mostrou seu progresso de uma semana para a outra. Em seguida, deixou o violão e disse: “Preciso voltar a trabalhar”. Com essa participação potente e pontual, mostrou que estava muito interessada em ficar na aula, a ponto de participar deste modo rápido, mas evidenciando o quando estava atarefada com seus compromissos escolares.

Salomé, em outro momento, foi à aula em um dia muito nublado, com nuvens carregadas e previsão de chuva forte. Eu não poderia cancelar a aula, pois o cronograma estava apertado para cumprir a disciplina de Estágio Supervisionado III. As alunas confirmaram presença, eu já estava na escola, e Lou Salomé entrou na sala com sua filha e disse: “Prof, eu não vou poder ficar para aula, tenho roupa no varal e tenho que correr até em casa para não pegar chuva”.

A partir dessa fala, percebe-se o quão desgastante é o cotidiano quando temos dupla ou até tripla jornada de trabalho. Além de Salomé ter que se preocupar com ela e sua filha, para que elas não tomassem um banho de chuva pelo caminho, ainda havia a preocupação com serviços domésticos a serem realizados assim que chegassem em casa.

Situações como estas reforçam a necessidade de uma educação acolhedora e humanizadora com cada indivíduo, principalmente com as mulheres, comumente sobrecarregadas, e que ainda assim carregam o forte desejo pela música: “é responsabilidade

de todos criar um ambiente acadêmico mais humanizado e acolhedor” (Magalhães, 2025, p. 224).

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo relatar uma experiência que embora tenha sido vivenciada de maneira individual, concerne num coletivo amplo que engloba mulheres, homens, professoras e professores, estagiários, mães e pais. Essa experiência visa encarar os fatos que ainda carecem de muitos aprofundamentos, e que, muitas vezes, são normalizados na sociedade. Evidenciou-se a necessidade de superar muitos preconceitos enraizados na coletividade patriarcal, e que regem as ações até os dias atuais, no cotidiano de todos nós.

A partir dessa perspectiva, indicamos que outros/as educadores/as podem, sob a mesma concepção ou com especificidades, as situações problemáticas, e para que possamos enriquecer o debate na abrangência das reflexões sobre gênero e ensino musical.

Esta reflexão acerca do tema só foi possível através da disciplina de estágio supervisionado, mediante diálogo constante com a professora orientadora, colega de curso e alunas do violão, o que possibilitou o amadurecimento de uma perspectiva crítica e sensível sobre as questões de gênero na música. Foi nesse processo formativo que se desencadeou, de forma consciente e reflexiva, a partir da construção de um pensamento alinhado com o feminismo partindo da experiência de um homem, o que resultou na elaboração desta reflexão mais ampla.

É relevante afirmar que, enquanto educador musical, faz-se necessário estar atento ao ambiente e as necessidades dos alunos, criando um ambiente propício e compatível para que a aprendizagem possa se desenvolver. Graças a esse cuidado, os objetivos iniciais e centrais do estágio (desenvolver o bem-estar e o prazer num espaço acolhedor estimulando a autoconfiança e autoestima das partes envolvidas) foram alcançados, dentre muitos outros imensuráveis, tanto para as alunas, quanto para o professor, em relações profundas e apaixonantes com a música.

Referências

ALMEIDA, Leila Sanches. *Mãe, cuidadora e trabalhadora: As múltiplas identidades de mães que trabalham*. Revista do Departamento de Psicologia - UFF, v. 19 - n. 2, 2007, p. 411-422.

CREPALDI, Maria Aparecida; ANDREANI, Grace; HAMMES, Patricia Simone; RISTOF, Clarissa Dionísio; ABREU, Sandra Ribeiro de. *A participação do pai nos cuidados com a criança, segundo a concepção de mães*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 3, 2006, p. 579-587.

MAGALHÃES, Joyce R. S. *Pode uma mãe fazer doutorado? Reflexões autoetnográficas sobre feminismo matricêntrico na academia*. Pensares em Revista, São Gonçalo-RJ, n. 33, p. 206-227, 2025.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SILVA, Ana Paula R. ; AGAPITO, Juliano. *Mães-estudantes: A luta pelo direito à educação*. Revista de Estudos Interdisciplinares. Joinville, v.2,n. 4, 2021, p. 125-151.

SOUZA, Fernanda G. *Pagu indignada no palanque: a escassez de modelos femininos na graduação em composição musical da UEM e seu impacto nas alunas compositoras*. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2024.